

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**

**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**JULIANA SILVA OLIVEIRA**

**“Construindo saberes”: uma proposta de Formação Continuada para Professores de Geografia do Ensino Fundamental em Campo Formoso, Bahia.**

**Senhor do Bonfim**

**2019**

**JULIANA SILVA OLIVEIRA**

**“Construindo saberes”: uma proposta de Formação Continuada para Professores de Geografia do Ensino Fundamental em Campo Formoso, Bahia.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Senhor do Bonfim – Ba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Prof. Drª Paula Dagnone Malavski

**Senhor do Bonfim**

**2019**

**“CONSTRUINDO SABERES”: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL EM CAMPO FORMOSO, BAHIA.**

Juliana Silva Oliveira[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

O presente trabalho, objetiva mostrar a importância de atividades de Formação Continuada de Professores no Ensino de Geografia, propondo maneiras de organizar o trabalho docente de forma lúdica e atualizada. Foi realizada uma abordagem voltada ao tema Cartografia Escolar, pois a partir de relatos de docentes atuantes no ensino fundamental do território de identidade do Piemonte Norte do Itapicuru (BA), esse tem sido o tema de maior dificuldade para se trabalhar. Dessa forma, foi organizada uma oficina/ação de formação continuada para professores de Geografia atuantes na rede pública municipal de Campo Formoso (BA), com intuito de diagnosticar as principais dificuldades enfrentadas e (re)pensar novas práticas de ensino. A rememoração, também considerada como forma de exposição de uma pesquisa, foi a base para discussão dos resultados adquiridos através das atividades propostas, esses resultados analisados e discutidos foram obtidos a partir de questionários aplicados ao final da oficina com os docentes. Diante disso, observou-se a necessidade de dinamizar os cursos de formação continuada, buscando apresentar aos professores formas lúdicas para realizar sua práxis, utilizando os materiais disponíveis nas instituições de ensino municipal, bem como, possibilitando o uso de tecnologias em sala de aula, visando o desenvolvimento de ensino-aprendizagem dos educandos.

**Palavras-chave**: Ensino de Geografia. Formação Continuada. Cartografia Escolar.

**Abstract**

The present work aims to show the importance of Continuing Education activities of teachers in the teaching of geography, proposing ways to organize the teaching work in a playful and updated way. An approach focused on the topic school cartography was carried out, because from reports of teachers working in elementary school, this has been the topic of greatest difficulty to work. Thus, a workshop/action of Continuing education was organized for teachers of geography in the municipal public network of Campo Formoso (BA), in order to diagnose the main difficulties faced during the practice. The recall, also considered as a form of exposure of a research, was the basis for discussing the results acquired through the proposed activities, these results analyzed and discussed were obtained from questionnaires applied at the end of the workshop with the teachers. Therefore, it was observe the need to streamline the courses of continuing education, seeking to present to teachers playful forms to perform their praxis, using the materials available in municipal education institutions, as well as, enabling the use of technologies in the classroom, aiming the development of teaching-learning of students.

**Keywords:** Teography Teaching. Continuing Education. School Cartography

**INTRODUÇÃO**

A partir de algumas observações, enquanto docente de Geografia no Ensino Médio na rede pública de ensino, na cidade de Campo Formoso (BA), percebi que grande parte dos discentes possui dificuldade de trabalhar diversos conteúdos que fazem parte da ciência geográfica para o ensino fundamental, assim, passei a me questionar os possíveis motivos dessa dificuldade em trabalhar alguns conteúdos da Geografia Escolar em sala de aula.

Segundo, Lana Cavalcanti (2012), ainda se observa na educação geográfica brasileira a prática de uma disciplina escolar meramente decorativa, descritiva e que não ultrapassava a prática tradicional pautada nos livros didáticos, ou seja, pouco instigante para desenvolver no aluno um pensamento autônomo.

O ensino da Geografia pode ser mais significativo para a formação do educando quando ultrapassa o estudo das capitais, estados, países, mapas e vegetações, ele ultrapassa esses limites, fazendo o aluno refletir acerca dos acontecimentos a sua volta, causando nele certa curiosidade, o que fará com que ele queira se apropriar cada vez mais do conhecimento sobre tudo que faz parte do seu cotidiano (CALLAI, 2013).

Dessa forma, a Formação Continuada de Professores se dá visando criar espaços de diálogos, buscando ressaltar a importância da pesquisa-docente, para reformular e desenvolver metodologias de ensino-aprendizagem que saem do ensino tradicional transcendendo os limites impostos, não apenas pelos livros didáticos, mas, também, quiçá, dos muros da escola. A busca de novas práticas de ensino-aprendizagem em Geografia é fundamental para levar o aluno a um pensamento além da Geografia tradicional, para formar cidadãos críticos, capazes de ler o mundo a partir de uma visão ampla e abrangente do espaço geográfico.

Portanto, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma oficina/ação de Formação Continuada de Professores de Geografia para o Ensino Fundamental (anos finais) do município de Campo Formoso (BA) visando (re)pensar práticas de ensino desta disciplina escolar no referido município[[2]](#footnote-2).

1. **REVISÃO DE LITERATURA**

A formação acadêmica do profissional da educação (professor) possui sua prática durante a realização dos estágios, porém tais atividades não são suficientes para uma formação “completa”. Uma vez que, o professor em formação dificilmente terá autonomia para realizar atividades diferentes das observadas, tendendo a reproduzir tudo que observou durante o período de estágio (PIMENTA; LIMA; 2012).

Ao terminar a graduação o educador, agora formado, dirige-se a sala de aula e percebe que a realidade é retratada de forma bem diferente do que foi estudado, mesmo em meio aos estágios, afinal este profissional, irá exercer, agora, sua formação, e nesse momento não serão admitidos erros. Dessa forma, a Formação Continuada de Professores se encaixa como forma possível de auxiliar o educador, recém-formado ou não, na sua prática, buscando mostrar-lhe meios de como trabalhar os conteúdos propostos.

Segundo Angél Gomez (1995), é preciso reconhecer que o conhecimento teórico profissional, oferecido pelas instituições de formação superior, só conseguem orientar os profissionais de forma limitada, uma vez que, somente a prática docente é capaz de formar completamente o educador. Dessa maneira, observa-se uma distância significativa entre a teoria e a prática, que, em sua maioria, só poderá ser diminuída a partir dos programas de Formação Continuada, além do contato diário com a experiência em sala de aula.

A partir da minha prática docente, percebi que a realidade em sala de aula é bem diferente do que pode ser descrito em documentos oficiais, os quais norteiam a prática docente nas escolas, como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) (2013) e os currículos oficiais como os Parâmetros Curriculares Oficiais de Geografia (PCNs) (1997) – substituídos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) no Ensino Fundamental –, pois, são muitas as dificuldades que precisam ser enfrentadas, não só por educandos, mas por educadores também, sendo esses responsáveis pela mediação do conhecimento e abordagem do mesmo em sala de aula.

Ainda assim o professor é capaz de desenvolver atividades que promovam um melhor desempenho do aluno, pois

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade e pelos bairros, eles constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios. [...] ao construírem geografia, constroem também conhecimentos sobre o que produzem, conhecimentos que são geográficos. Então, ao lidar com coisas, fatos e processos na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo geografias (no sentido de espacialidades) e, ao mesmo tempo, conhecimentos sobre elas (CAVALCANTI, 1998, apud CAVALCANTI, 2012, p. 45).

As atividades realizadas em programas de formação continuada devem ser voltadas para a possibilidade de o professor, enquanto mediador do conhecimento, conseguir utilizar esses conhecimentos prévios das construções de diferentes Geografias em sala de aula, correlacionando com os conteúdos propostos no livro didático ou nos currículos oficiais.

Diante do exposto, a proposta deste trabalho foi propor uma oficina/ação de Formação Continuada para professores de Geografia do Ensino Fundamental, atuantes nos Anos Finais, do município de Campo Formoso (BA).

* 1. **A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**

O ensino da Geografia pode ir muito além do que se encontra descrito nos livros didáticos. É necessário que o professor da disciplina proponha uma contextualização a partir dos conteúdos propostos nos livros e correlacionando com a realidade do aluno. É preciso despertar no aluno a curiosidade referente ao mundo que está a sua volta e assim trazer à realidade as abstrações dispostas pela ciência geográfica (CALLAI, 2013).

Se os docentes se propõem a buscar meios de aumentar a motivação dos alunos, ao decorrer do tempo de sua disciplina, se fará possível o alcance dos objetivos propostos para a educação geográfica segundo as políticas públicas, como a Lei de Diretrizes Básicas da Educação (BRASIL, 1996) e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013) e, de acordo com os currículos oficiais para a Geografia no Ensino Fundamental, como a BNCC (BRASIL, 2017). Essas políticas propõem ainda que, a formação continuada de professores é direito do profissional e sendo dever do Estado promove-la.

Está descrito na Lei de Diretrizes Básicas da Educação (LDB, 1996), em seu 40º artigo, que junto com o ensino regular deverá ser desenvolvida a educação dos profissionais ou mesmo por estratégias diferentes por meio de educação/formação continuada, sendo esta em instituições especializadas ou mesmo no ambiente de trabalho. Já está previsto que a educação do profissional deverá ser contínua, sendo assim, o profissional deve estar em constante formação, para se manter atualizado conforme sua área de trabalho.

Assim como na LDB, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013) trazem em um de seus objetivos a proposta de orientação nos cursos de formação inicial e continuada de profissionais, sendo estes docentes, técnicos ou funcionários, da Educação Básica, orientação também dos sistemas educativos dos diferentes entes federados e das escolas que os integram, independentemente a que rede pertençam.

Observa-se que na Lei supracitada também está previsto que devem ser orientados e propostos cursos de formação inicial e continuada dos profissionais, enfatizando mais uma vez a importância de tal atividade.

Além das políticas públicas já citadas ainda temos a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) que propõem em suas ações a formação permanente dos profissionais da educação visando o melhor desempenho e desenvolvimento desses profissionais, propondo ainda a criação e disponibilização de materiais de orientação que possibilitem o contínuo aperfeiçoamento dos professores, bem como de suas práticas.

Cabe ressaltar ainda que, a BNCC (2017) enquanto currículo oficial para a educação básica propõem algumas competências e habilidades a serem desenvolvidas e alcançadas na área das Ciências Humanas, onde a disciplina Geografia está inserida, que exigem alto desempenho do profissional, mostrando ainda mais a necessidade da formação continuada do mesmo.

Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. O pensamento espacial está associado ao desenvolvimento intelectual que integra conhecimentos não somente da Geografia, mas também de outras áreas (como Matemática, Ciência, Arte e Literatura) (BRASIL, 2017, p. 357).

Assim, para que esses objetivos sejam atingidos, o professor precisa, ainda, aprender sobre a realidade dos alunos de sua turma e a partir de então trabalhar os conteúdos da Geografia Escolar.

Segundo Jaime Oliva (2012), nenhuma disciplina tem como função o entendimento de seu objeto de estudo, mas a partir desse objeto obter a colaboração para a compreensão do todo. Dessa forma a Geografia, utilizando o seu objeto de estudo, que é o espaço geográfico, oferece os elementos possíveis e necessários para que se entenda a realidade de maneira mais ampla, sendo assim a Geografia não se resume na descrição sumária de problemas regionais.

Dessa forma,

Pensar as relações espaço geográfico e sociedade, global e local, moderno e tradicional, por exemplo, são aspectos indispensáveis para a elaboração de uma Geografia que não seja meramente descritiva ou de localização (OLIVA, 2012, p. 46).

Levado em consideração que o ambiente que envolve uma sala de aula é muito complexo, pois nele encontram-se diversos níveis de conhecimentos prévios, maturidades e individualidades distintas entre os alunos, e diferentes relações entre esses e seus professores, ou mesmo com a escola; é um desafio para o docente delimitar toda a realidade dos discentes que fazem parte de suas turmas, mas é possível ter uma percepção de como se dá a realidade geral de seus alunos, para assim conseguir traçar planos que possam contemplar os objetivos planejados no início do ano letivo (CAVALCANTI, 2012).

Para que exista um desenvolvimento de ensino-aprendizagem adequado, faz-se necessário que os conteúdos sejam apreendidos pelos discentes de modo que fiquem retidos em suas memórias, modificando suas ações coletivas, para tanto, o professor precisa (re)pensar constantemente suas ações e sua formação permanente.

O fundamental é construir um método de trabalho que consiga operar com um modelo de interpretação; que o aluno consiga saber o que fazer para aprender. O paradigma educativo também mudou. O papel da escola está se redefinindo. O ensino/educação atual tem de responder às perguntas que a sociedade faz hoje, quer dizer, as escolas os alunos, o mercado de trabalho. Como ensinar e como aprender tornam-se mais significativos do que o que ensinar ou aprender (CALLAI, 2013, p. 114).

O ensino da Geografia tem como objetivo fazer o aluno entender o seu “mundo cotidiano”, o seu espaço vivido, fazendo-o refletir sobre os acontecimentos ao seu redor, causando nele certa curiosidade, o que fará com que ele queira se apropriar cada vez mais do conhecimento sobre tudo que faz parte do seu cotidiano (CALLAI, 2013).

Para Helena Callai (2013), lugar é onde a vida acontece, é entender que tudo que pode ser visualizado ao nosso redor é o resultado da vida em sociedade. Pensando como a autora é possível perceber a necessidade que exige do professor de Geografia em mostrar as particularidades do lugar onde seus educandos estão inseridos e assim ensiná-los como fazer leituras do mundo da vida e do espaço cotidiano, para que possam compreender as modificações sociais que foram realizadas nas paisagens observadas. A autora ainda afirma que, as leituras do mundo da vida e a compreensão das paisagens, como resultado da vida em sociedade, poderia ser o ponto inicial para a definição da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Durante todo o desenvolvimento e aprendizado dos educandos na educação básica um ciclo depende do outro, com isso os conhecimentos prévios dos alunos também devem ser considerados, porém quando se fala sobre os profissionais responsáveis pela mediação do conhecimento, torna-se indispensável uma formação adequada e satisfatória.

A formação de professores é entendida fundamentalmente como um processo de socialização e indução profissional na prática cotidiana da escola, não se recorrendo ao apoio conceitual e teórico da investigação científica, o que conduz facilmente à reprodução dos vícios, preconceitos, mitos e obstáculos epistemológicos acumulados na prática empírica (GOMEZ, 1995, p. 99).

Várias são as questões que podem contribuir para o mau desempenho das atividades que cabem aos professores, dentre elas podemos citar: a desvalorização do profissional, sobre carga de horários em sala de aula, falta de tempo para realizar os planejamentos e avaliações, tudo isso vem fazendo com que esses profissionais fiquem cansados e adoeçam, o que impede a realização de um trabalho de qualidade. Diante disso os trabalhos voltados à Formação Continuada de Professores, visando mostrar para esses profissionais as melhores maneiras de realizar sua função, buscando ainda reduzir o tempo destinado aos planejamentos, ganham ainda mais ênfase.

Sendo assim, além da formação inicial, a formação continuada se faz essencial para uma autonomia da prática docente.

Para tanto são necessários conhecimentos que vão além do conteúdo de Geografia e que tenham a ver com o processo de construção do conhecimento, com os aspectos pedagógicos e a psicologia de aprendizagem. Sem isso passam a ocorrer em sala de aula do ensino básico verdadeiros absurdos em nome de desenvolver o conteúdo previsto (CALLAI, 2013, p. 117).

Nesse contexto, é possível considerar o conhecimento empírico, porém de forma responsável, possibilitando ao educando, apenas, trazer as informações e a partir delas realizar reflexões que permitam “as abstrações necessárias para compreender o mundo” (CALLAI, 2013). E assim, é possível visualizar mais uma vez a necessidade da formação continuada, uma vez que, será a partir dessas atividades que possibilitará ao profissional a constante renovação de sua prática.

Segundo Lana Cavalcanti (2012), o processo de ensino-aprendizagem compõe a formação em sentido amplo, buscando sempre envolver todas as dimensões relacionadas a educação: intelectual, afetiva, social, moral, estética e física. Diante de tamanha responsabilidade o educador precisa estar pautado em desenvolver competências e habilidades que busquem suprir todas essas necessidades, envolvendo sempre conceitos-chave que o permita trabalhar com as relações entre os educandos e o lugar onde estão inseridos e o cotidiano comum a todos, por isso a formação continuada docente é fundamental (CAVALCANTI, 2012).

Assim, para utilizar os conceitos e categorias geográficas em sala de aula, faz-se necessário o conhecimento do lugar, do cotidiano. O senso comum pode, e deve ser usado como recurso didático, afinal cada sujeito compreende as particularidades que envolvem o seu cotidiano, o seu espaço vivido, dessa forma o professor conseguirá tornar a aula muito mais dinâmica, no entanto isso só será possível se o profissional gozar de uma formação inicial e continuada, onde ele se reformula a cada prática (CALLAI, 2013).

Considerando a importância de compreender o espaço em que vive e assim realizar leituras de mundo com maior clareza, torna-se de suma importância o entendimento das representações cartográficas, bem como saber de que forma é possível representar o espaço. Sendo assim, será através da Cartografia Escolar que o educando desenvolverá as habilidades necessárias para a compreensão de tais representações gráficas, entende-se, então, que durante o processo de ensino de Geografia, trabalhar Cartografia Escolar de forma compreensível e lúdica tornará as vidas dos educadores e educandos, um pouco menos complicadas.

* 1. **A CARTOGRAFIA ESCOLAR**

Devido a sua complexidade, a falta de uso e pouca compreensão no seu papel de interpretação da realidade e do espaço geográfico, a cartografia pode ser considerada um conteúdo mais difícil de aprender e ensinar, considerando que o mesmo envolve também conceitos matemáticos, interpretação de imagens e entendimento de categorias e conceitos geográficos.

Para que o educador alcance bons resultados na aprendizagem dos educandos, devem ser utilizados métodos educativos que sejam adequados ao nível escolar de cada criança (LE SANN, 1989), visando sempre o bom entendimento do conteúdo.

Diante disso, é necessário lembrar que os profissionais responsáveis por tal feito (ensinar Geografia/Cartografia), precisam estar sempre bem preparados, uma vez que, os educandos “dependem” de sua explicação para desenvolverem suas habilidades geográficas e cartográficas. É nesse momento, onde há a necessidade da formação continuada para os professores de Geografia, pois nenhum profissional licenciado finaliza o curso dominando todos os conteúdos e conhecendo diferentes práticas de ensino, o que pode gerar insegurança, afetando diretamente o desempenho do trabalho que o mesmo se propor a realizar.

Nas fases iniciais da vida escolar o estudante, em sua maioria, não consegue realizar abstrações e/ou compreendê-las, dessa forma cabe ao professor propor formas diferentes de trabalhar os conteúdos.

Segundo Janine Le Sann (1989) a semiologia gráfica constitui-se numa linguagem visual, cujas bases são a percepção e a lógica. É um instrumento que possibilita “ver para aprender”. Já que o aluno possui dificuldades para realizar abstrações, devido, principalmente, à sua idade, o professor tem como opção adotar o método da semiologia gráfica e a partir dele ensinar a cartografia de forma lúdica e compreensível, pois o método da semiologia gráfica é constituído de forma completamente diferente dos métodos tradicionais de ensino, uma vez que, além da informação, possibilita a formação científica do aluno (LE SANN, 1989).

A partir da utilização desse método o educador escapará do ensino tradicional, é possível, ainda, que consiga prender a atenção do educando por mais tempo que de costume, uma vez que, haverá sempre mais coisas novas e interessantes para se observar.

Sabemos que a Geografia se constitui do estudo do espaço geográfico, a Terra (geo) e sua escrita (grafia), dessa forma entendemos que para estudar Geografia é necessária uma leitura de mundo, essa leitura, na maioria das vezes, é feita a partir de representações diárias e/ou pessoais (LE SANN, 1989) de cada um (aluno).

Considerando então as concepções dos alunos do Ensino Fundamental, o “mundo” deles se resume ao dia a dia, os locais de convivência diária, onde eles mantêm relações afetivas mais fortes. A partir disso, o professor pode apropriar-se dessas leituras de mundo e introduzir os conceitos cartográficos, tornando a compreensão possível, uma vez que, o aluno estará estudando os seus espaços de convivência.

Devido à complexidade dos conceitos que envolvem a cartografia o professor, enquanto mediador do conhecimento, pode dividir seu “trabalho” com os alunos, pois em alguns casos a linguagem usada pelo professor para explicar o conteúdo não é entendida por todos, no entanto, “um colega de turma que entendeu uma determinada noção pode explica-la com palavras e lógica próprias, facilitando o entendimento por parte de seus pares” (LE SANN, 1989, p. 109).

Se o professor trabalhará a cartografia a partir do “espaço vivido” (CALLAI, 2013) do aluno, então ele (professor) precisa propor uma sequência didática para que facilite a compreensão do conteúdo, por parte do aluno, podendo partir do particular para o coletivo, ou seja, o aluno pode mostrar os locais de convívio só dele, dele e da família, da rua ou bairro onde está localizada sua casa, até as relações que mantém na escola (social/coletivo).

Contudo, segundo Sônia Castellar (2005) a Geografia Escolar vem tentando modificar o discurso de ensino tradicional desde a década de 1980, desde essa época buscava-se fazer com que a disciplina perdesse o rótulo de decorativa, porém, ainda segundo a mesma autora, observou-se a modificação dos discursos apenas nas Universidades, onde o debate avançou, mas nos currículos o debate simplesmente estagnou (CASTELLAR, 2005).

É preciso despertar nos alunos o desejo de aprender a ler o mundo, entender as relações cotidianas, pois somente assim será possível remover da Geografia o rótulo de disciplina decorativa (CASTELLAR, 2005). A Formação Continuada para Professores tem grande importância nesse contexto, uma vez que, a mesma possibilitará ao educador meios de despertar a curiosidade dos educandos, para atingir os objetivos propostos pela disciplina, bem como, o de remover o rótulo de disciplina decorativa.

Considerando ainda que, para Rosângela Almeida (2003), “é função da escola preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade”, exigindo então o conhecimento de técnicas e instrumentos que se tornam necessários para o entendimento da representação gráfica (ALMEIDA, 2003), sendo assim, o professor, assume a função de estar preparado e bem qualificado para conseguir atingir tal objetivo.

Percebe-se, novamente, a necessidade das atividades voltadas à Formação Continuada de Professores, buscando a preparação do mesmo quanto às exigências referentes à prática do ensino de Geografia, principalmente no que diz respeito à Cartografia Escolar, pois o conhecimento cartográfico pode ser utilizado como opção metodológica em todos os conteúdos da disciplina, uma vez que, a cartografia é considerada uma linguagem, um sistema de código que permite a comunicação e se torna imprescindível em todas as esferas da Geografia (CASTELLAR, p. 216, 2003).

Segundo Elza Passini (2014), “o cidadão caminha com autonomia quando é informado e tem habilidades para assumir investigações que o possibilitem melhorar seu conhecimento, suas ações e decisões”, para que haja a formação de cidadãos críticos, criativos e reflexivos, é necessário que se incentive a autonomia dos educandos, pois a partir dela será possível o desenvolvimento de pensamentos amplos e tomada de decisões (PASSINI, 2014).

Uma leitura cartográfica de qualidade permitirá ao educando a percepção de sua autonomia, bem como o entendimento das relações sociais e suas representações gráficas, através de uma leitura imediata das informações, possibilitando assim o acesso a essência da informação (PASSINI, 2014).

É perceptível a necessidade e exigência que o ensino da Cartografia Escolar seja feita de forma clara, com o máximo de qualidade possível, pois esse conhecimento será usado pelo educando durante toda sua vida social e pessoal. Nota-se, também, a necessidade de o educador, enquanto responsável pela formação social e educacional do educando, manter-se sempre atualizado e bem informado quanto as diferentes maneiras de facilitar o entendimento do educando sobre o conteúdo.

* + 1. **O MAPA MENTAL, O TRAJETO E A ESCALA**

Segundo a BNCC (2017), a partir do período que abrange a etapa do Ensino Fundamental Anos Finais “é possível analisar os indivíduos como atores inseridos em um mundo em constante movimento de objetos e populações e com exigência de constante comunicação” (BRASIL, p. 353). Então ao longo desse período é favorável a ampliação das perspectivas tanto do ponto de vista temporal quanto espacial, proporcionando aos educandos a possível capacidade cognitiva de localização em seu espaço de convivência.

Sendo assim, entende-se que se lhes for solicitado que façam a representação desses espaços, o farão com certa clareza.

O estudo das relações cotidianas nos remete ao estudo de um dos conceitos geográficos – lugar – sendo este considerado como a identidade histórica do ser, a qual liga o homem de forma afetiva ao seu local de existência (BUENO, 2011). A partir de tal definição propõe-se que sejam trabalhadas com os educandos atividades que os permitam domínio.

É nesse contexto que o mapa mental deve ser trabalhado, uma vez que, o mesmo só será possível se o responsável pelo desenho conhecer o espaço a ser representado em forma de mapa.

Cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vivem e, consequentemente, tem uma visão muito particular dos lugares e espaços. As representações, sejam elas aqui chamadas de desenhos ou mapas, advêm do simbólico, de uma construção mental decorrente da apreensão de significados, que dificilmente podem ser compreendidos pela razão (BUENO, 2011, p. 304).

O educador precisa estar ciente que cada educando poderá representar o mesmo espaço de forma diferente, pois cada um tem relações afetivas diferentes com os lugares, o que torna um espaço importante demais para um e totalmente desconsiderável para outro.

A partir dessas relações com os espaços (lugares) pode-se trabalhar com os educandos o mapa mental, atividade que consiste na representação gráfica do espaço ou lugar de convivência de cada um.

Segundo Maria Elisa Simielli (1986), a utilização de mapas tem sido cada vez mais notória, dessa forma não se pode negar a importância necessária para saber manusear tal ferramenta, bem como, o trabalho realizado pelo cartógrafo que deve ser cada vez mais conforme as necessidades e interesses dos usuários.

Diante de tamanha importância, os educadores em Geografia devem mediar o aprendizado, referente à leitura cartográfica e de mundo, aos seus educandos, sendo a utilização do mapa mental e também do mapa de trajeto, importantes ferramentas para esse fim. Podendo, ainda, inserir os conhecimentos referentes à escala e elementos do mapa, à medida que a turma mostrar desenvolvimento.

Para tanto, não há possibilidade de representação cartográfica de um espaço ou lugar o qual o cartógrafo não conheça (SIMIELLI, 1986), o mesmo se aplica quando se trata dos alunos, por isso, é preferível que se inicie as atividades com a representação de espaços, os quais, os alunos tenham total conhecimento, por exemplo: seus quartos, suas casas. Usando os dois exemplos de desenhos é possível que se trabalhe os conteúdos de escala cartográfica, quando se considera a riqueza de detalhes de um desenho para o outro, no caso, o desenho do quarto estará em escala maior, pois apresentará maior riqueza de detalhes que o desenho da casa.

À medida que o aluno se apropria e entende o conteúdo abordado, vai ampliando a área de abrangência dos desenhos, então pode ser solicitado que ele desenhe o quarteirão onde está localizada a sua casa e, em seguida, o trajeto feito por ele de sua casa à escola. Nesse tempo é possível ampliar os conhecimentos referentes à escala cartográfica, bem como introduzir outros conteúdos como: elementos que compõe um mapa, como organizar a legenda, além de solicitar que o aluno adicione em seu mapa de trajeto a maior quantidade, possível, de pontos de referências, para que outro colega consiga entender a sua representação de forma que possa realizar o mesmo trajeto sozinho, pois, segundo Maria Elisa Simielli (1986), o sucesso do uso do mapa dependerá da eficácia do cartógrafo quanto à representação feita, para que o leitor consiga entender na totalidade a informação transmitida através do mapa.

O texto da BNCC (2017) traz a necessidade de estimular os educandos a pensar espacialmente, buscando desenvolver o raciocínio geográfico, que nada mais é do que, entender que todo e qualquer acontecimento geográfico não se “forma” sozinho, sempre existe uma ligação entre “a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre” (BRASIL, 2017).

A partir de tal afirmação nota-se o destaque referente a cartografia escolar dentro do raciocínio geográfico, pois é necessário exercitar e entender tal forma de raciocínio, para então compreender muitas representações feitas, considerando a importância de conhecer o espaço que está sendo representado, bem como, o porque ele foi produzido daquela maneira, quais as relações e/ou conflitos que proporcionaram a formação e construção social do espaço representado.

Essas provocações e percepções devem ser mediadas pelo educador, sempre com o objetivo de desenvolver nos educandos o pensamento espacial, com vistas ao raciocínio geográfico.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente relato de experiência é produto de uma reflexão da participação de uma atividade extensionista do colegiado de Geografia da Universidade na temática e de uma pesquisa social, qualitativa, a qual teve como objetivo principal propor uma oficina de formação continuada para professores de Geografia, ensino fundamental – anos finais, juntamente à Secretaria Municipal de Educação de Campo Formoso (BA).

A rememoração, também considerada como forma de exposição de uma pesquisa, será a base para este tópico do trabalho. Um memorial se configura como um relato de experiências, bem como, é um texto marcado pela subjetividade, onde o autor pode relatar suas experiências, além de narrar os fatos, possibilitando ao mesmo refletir sobre sua prática, podendo modificar seu presente e futuro (GUEDES-PINTO, s/d):

Por essa perspectiva, um memorial – no âmbito de um curso de formação de professores com caráter de trabalho de conclusão – está tanto voltado ao registro da trajetória pessoal do sujeito-narrador tendo como referência a formação acadêmico-profissional como também será marcado e circunscrito pelo movimento mais amplo da história, sendo socialmente datado e constituído, pois terá sua redação, sua construção e publicação ocorridas dentro de um curso de formação específico, em uma faculdade e universidade específicas, em um tempo histórico definido (GUEDES-PINTO, s/d).

Diante disso serão feitos a seguir, relatos da minha experiência, enquanto responsável pela presente pesquisa. E assim, ao final, será proposto um plano de ação, com o objetivo de apresentar diferentes práticas de ensino na disciplina em questão.

Para propor as mudanças necessárias e lavá-las a efeito, é necessário conhecer a realidade que deve ser objeto de transformação, ou seja, os cursos de licenciatura, além dos meios de sua utilização. Portanto, não se trata apenas de produzir uma teoria sobre a formação de professores, mas de criar as condições e produzir referenciais concretos para, efetivamente, pô-la em prática mediante as mudanças operadas (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2009, p. 92).

A partir do pensamento das autoras supracitadas que foi observada a necessidade de um contato direto com os profissionais em questão, visto que estes têm a possibilidade de informar de maneira realista os problemas enfrentados por eles para cumprir com suas obrigações em sala de aula.

Além de relatar quais são suas principais necessidades, enquanto docentes, e ainda, possibilitar que o trabalho do formador continuado seja mais eficaz, uma vez que, quando é do conhecimento do mesmo quais as necessidades e dificuldades enfrentadas pelos educadores, torna-se mais fácil elaborar planos de Formação Continuada que atendam às demandas.

Sendo assim a pesquisa-ação torna-se uma fonte de conhecimento e inovação da prática educativa, uma vez que um dos seus objetivos é criar as condições necessárias para a produção de materiais e dinamização do conteúdo em sala de aula (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2009).

Para a realização desta pesquisa foram feitas leituras que envolviam o tema Formação Continuada de Professores e o Ensino de Geografia, realizou-se ainda, uma oficina de formação, onde foram propostas práticas de ensino de Geografia para serem aplicadas em sala de aula, a fim de melhorar o trabalho do docente, além da aplicação de questionários onde foi possível diagnosticar a realidade do ensino de Geografia em Campo Formoso (BA).

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A atividade de Formação Continuada foi realizada em forma de oficina de extensão no dia 28 de junho de 2019, executada em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do município de Campo Formoso (BA), com 16 professores da rede municipal de Campo Formoso (BA), atuantes no Ensino Fundamental – Anos Finais, no componente curricular Geografia.

Foi aplicado aos participantes um questionário por nós proposto com o objetivo de diagnosticar o público participante.

Alguns dados acerca do perfil dos professores estão expostos nos gráficos a seguir:

**Gráfico 1 – Sexo dos participantes Gráfico 2 – Formação Acadêmica**

É perceptível nos gráficos acima que a maioria dos docentes participantes são do sexo feminino, bem como a formação acadêmica também não correspondem à disciplina de Geografia.

**Gráfico 3 – Tempo de Docência Gráfico 4 – Carga Horária Semanal**

Observando os dados dos gráficos acima, percebe-se que a maioria dos docentes possui um grande período em exercício da função (acima de 15 anos), além da experiência de prática. Segundo relatos, em uma roda de conversa realizada ao final da atividade, o cansaço começa a tornar-se mais evidente diante do tempo de serviço, em concomitância com a carga horária semanal, que em maioria é de 40 horas ou mais, podendo ocasionar um possível desânimo que reflete diretamente na prática.

**Gráfico 5 – Disciplinas lecionadas durante os anos de docência**

Analisa-se aqui que a maioria dos participantes não trabalha ou trabalhou somente com a disciplina Geografia, considerando que os mesmos não possuem a formação na área da referida disciplina, e, 14 dos participantes, relatou que já lecionou Geografia ao longo do seu período de exercício docente.

Além disso, todos confirmaram que utilizam o livro didático em sala de aula como recurso e também como ferramenta para auxiliar na organização do conteúdo programático. Como alguns trabalham no interior do município, alegaram que o livro didático é a única fonte de estudo da maioria dos educandos, considerando que os mesmos não possuem total acesso a diferentes tecnologias.

Confirmaram, também, que utilizam recursos multimídia em sala de aula, buscando dinamizar as aulas, bem como facilitar a compreensão do conteúdo por parte dos educandos, além de ser um recurso que favorece à atenção dos mesmos, uma vez que, é algo novo e permite ao professor prender a atenção dos alunos por um período de tempo maior. A utilização de recursos multimídia permite, ainda, que o professor consiga atualizar alguns dados que possam estar ultrapassados nos livros didáticos, uma vez que, os mesmos só são trocados a cada quatro anos.

A oficina por nós proposta foi elaborada com o objetivo de apresentar algo dinâmico, mostrando aos profissionais, maneiras dinâmicas que possibilitem trabalhar os conteúdos de Cartografia, de forma lúdica e prazerosa para eles, bem como para os educandos.

Durante a realização da atividade, buscou-se apresentar formas que possibilitassem o melhor desenvolvimento do docente, e, principalmente, a aprendizagem dos discentes, que por sua vez conseguirão alcançar, com maior facilidade, as habilidades e competências propostas pelos documentos oficiais, como a BNCC (2017), bem como contemplarão uma formação cidadã de qualidade, a partir de conceitos geográficos para uma compreensão do espaço geográfico.

Iniciamos a atividade apresentando a definição de cartografia e mostrando a importância de compreender e trabalhar esse conteúdo em sala de aula, uma vez que, os alunos encontram e utilizam a cartografia em diversos lugares.

Considerando as modificações sofridas pela cartografia diante dos diversos recursos digitais, bem como a competição do educador com tais recursos, foram apresentados recursos digitais que possibilitam e facilitam o trabalho do professor em sala de aula, diante da realidade digital que nos rodeia. Recursos como: mapas, imagens de satélite, Google Earth, Google Maps, podem e devem ser utilizados pelos professores com o intuito de tornar suas aulas mais dinâmicas e inovadoras, o que ocasionará a possível atenção dos alunos. Ao explorar esses recursos didáticos em sala de aula, o professor proporcionará aos seus alunos uma aula dinâmica, possibilitando o melhor desempenho cognitivo dos alunos.

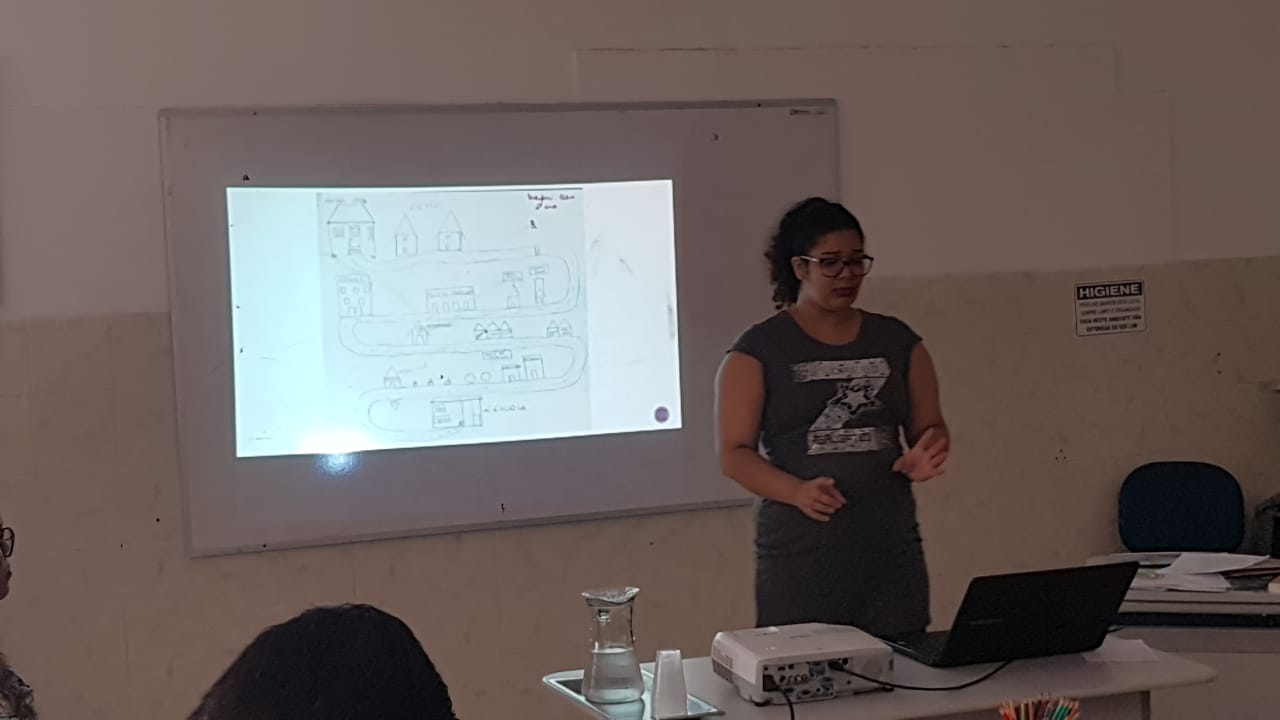
Em seguida apresentamos a definição de escala cartográfica, sua relação de tamanhos e aplicações no mapa. Depois de passar os principais conceitos cartográficos que embasavam a primeira atividade, foi proposto aos professores a seguinte atividade lúdica: em uma folha de papel ofício eles deveriam desenhar nos espaços indicados, a planta do quarto onde dormem, depois a planta de sua casa e por fim, o trajeto realizado de casa até o local de trabalho, nesse último, eles deveriam, ainda, colocar todos os pontos de referência que fossem possíveis retratar no desenho.



**Figura 1 – Realização da primeira atividade**

O objetivo dessa atividade é mostrar uma forma prática e dinâmica de trabalhar com o aluno o “espaço vivido” (CALLAI, 2013), concomitante é possível trabalhar escala cartográfica e um tipo de representação gráfica, a planta. Nota-se que com materiais simples, disponíveis na instituição de ensino é possível realizar uma atividade lúdica e dinamizar a aula.

Observei ao longo da realização da atividade, a dificuldade de alguns professores em realizar uma atividade, que inicialmente, se mostrou muito simples, foi possível colocar-se no lugar do aluno e sentir as possíveis dificuldades que deveriam ser sanadas em sala de aula.



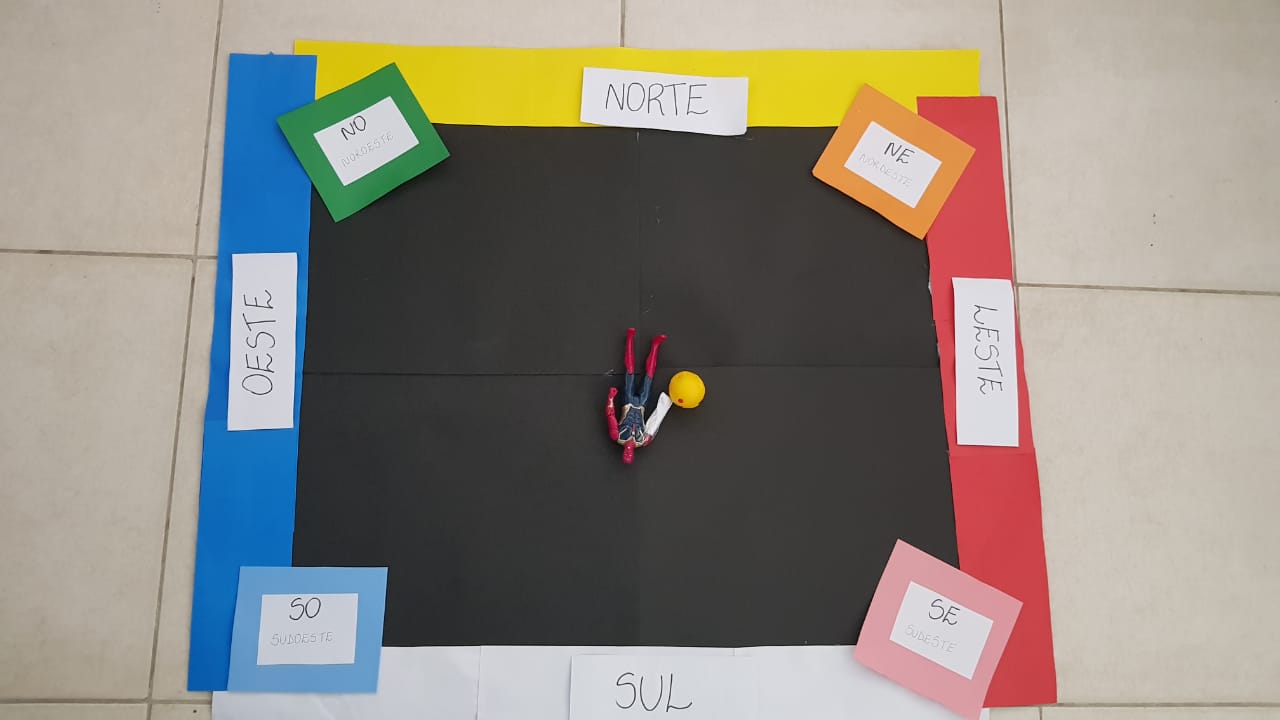
**Figura 2 – Reflexão sobre a primeira atividade**

Na segunda parte da atividade, mostrei os conceitos geográficos e suas definições, além de apresentar como trabalhar cada um deles de forma lúdica, por exemplo: o conceito de lugar, trabalha-se a relação afetiva que cada um possui com o espaço onde estão inseridos, quais locais da escola se sentem mais acolhidos.

Em seguida mostrei a sequência didática como recurso para dinamizar o conteúdo, além de a BNCC (2017) fazer referência à mesma, como possibilidade de atingir os objetivos propostos para cada etapa. Afinal, se o professor conhece o conteúdo e o livro didático com o qual trabalha, o mesmo tem autonomia para modificar a sequência em que irá trabalhar o conteúdo, para que este seja entendido de forma satisfatória pelo aluno.

Apresentei como exemplo de sequência didática trabalhar os conteúdos de Deriva Continental e Placas Tectônicas, uma vez que, são conteúdos dependentes um do outro, além de serem necessários para o entendimento de outros conteúdos como o relevo. Dessa forma, o professor consegue trabalhar três conteúdos (Deriva Continental, Placas Tectônicas e Relevo), numa sequência que permite ao aluno o melhor entendimento do conteúdo.

Após apresentar a parte teórica necessária, realizei uma atividade prática, com o objetivo de mostrar uma forma lúdica e dinâmica de trabalhar os conteúdos de localização geográfica, movimento aparente do sol e pontos cardeais. A atividade consistia na contação de uma história, onde existiam quatro personagens, os quais faziam referência aos pontos cardeais, além da utilização de cores, que possibilitam ao aluno melhor visualização do que está sendo apresentado, mostrei, ainda, como se localizar através do movimento aparente do sol utilizando o próprio corpo. Na atividade cada ponto cardeal correspondia a uma cor e a junção das duas cores, nas extremidades, formavam uma nova cor, assim como a junção dos dois pontos cardeais formam um ponto colateral.



**Figura 3 – Atividade lúdica**

Após apresentar a atividade lúdica, solicitei que os professores respondessem duas questões que se referiam a apresentação anterior, onde eles deveriam completar os espaços referidos com os pontos cardeais e colaterais respectivos (ANEXO III).

Observei, também, durante a realização dessa última atividade certa dificuldade, por parte de alguns, em se localizar diante das informações apresentadas na atividade.



**Figura 4 – Realização da segunda atividade**

Ao final da oficina pontuei com eles a importância de trabalhar a cartografia, bem como a necessidade de estarmos atualizados, enquanto professores, diante das inúmeras tecnologias desenvolvidas diariamente, as quais boa parte dos educandos tem acesso.

Diante do trabalho que foi realizado e dos dados coletados pontuaremos algumas considerações acerca da opinião dos professores sobre a oficina de Formação Continuada oferecida a eles.

No questionário havia uma pergunta onde eles deveriam relatar quais temas da Geografia apresentavam maior dificuldade para lecionar, as repostas de maior destaque foram: Cartografia, Fusos Horários e Escala, como mostra o gráfico a seguir.

**Gráfico 6 – Temas que possui maior dificuldade para lecionar**

Mediante as respostas, observa-se que o tema da Formação Continuada foi pertinente, uma vez que, foi relatado que a maior dificuldade dos educadores está em lecionar este referido tema. Vale ressaltar que a decisão sobre o tema Cartografia, veio a partir da minha participação no projeto de extensão “Formação continuada para professores de Geografia do Piemonte Norte do Itapicuru (BA)”, nos anos de 2017-2018, e no referido projeto os professores que participavam enfatizaram a necessidade da formação voltada para este tema, pois eles tinham uma imensa dificuldade com o mesmo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ressalta-se a importância do ensino da Cartografia Escolar, enquanto linguagem necessária para embasar o entendimento de vários outros conteúdos que envolvem o ensino de Geografia, como também para entender a própria ciência geográfica. Por isso, faz-se necessário que os educadores estejam sempre bem preparados, no que diz respeito ao referido tema, uma vez que, é ele o responsável por mediar o conhecimento para seus educandos.

Percebeu-se as dificuldades dos educadores em diversos temas, e o principal deles foi a Cartografia. Esses temas foram postos como de maior dificuldade sob a justificativa que, os educandos não apresentam os conhecimentos mínimos para tal conteúdo, além de demonstrarem dificuldade de interpretação de textos e imagens, bem como dificuldades nos conteúdos que fazem referência à cálculos.

Foi perguntado aos participantes acerca das contribuições da oficina para o desenvolvimento da sua prática, a maioria relatou que foi possível aprender práticas pedagógicas lúdicas e possíveis para serem trabalhadas em sala de aula, com recursos acessíveis as instituições, além de pontuarem o dinamismo, fugindo do tradicional e proporcionando uma atividade de troca de experiências.

Dessa forma conclui-se que as atividades de formação continuada de professores devem ser preparadas e realizadas visando a dinamicidade, bem como apresentar formas práticas e possíveis de trabalhar os conteúdos pelos docentes, uma vez que, os mesmos possuem uma carga horária semanal que não os permite tempo suficiente para buscar muitas inovações para suas aulas.

A pesquisa pode revelar, em consonância com teóricos do campo da educação por nós citados, que a formação inicial não é suficiente para uma formação efetiva de muitos profissionais-professores, uma vez que a prática é necessária para que a teoria se conclua. Ressalta-se, então, a importância de se oferecer a formação continuada para professores, proporcionando aos mesmos, renovação e inovação de sua prática docente.

Mediante os relatos dos participantes, proponho que as atividades voltadas a Formação Continuada de Professores de Geografia sejam organizadas para que atendam o principal interessado, o educador, mostrando a eles formas práticas de dinamizar suas aulas, visando o bom desempenho dos seus educandos e o melhoramento de sua prática docente.

**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Rosângela Doin de. Do Desenho ao Mapa: iniciação cartográfica na escola. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Fundamental / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2017.

\_\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUENO, Míriam Aparecida. A GEOGRAFIA ESCOLAR E A IDEIA DE LUGAR NO CURRÍCULO A PARTIR DA ELABORAÇÃO DE MAPAS MENTAIS. In: CALLAI, Helena Copetti (Org.). Educação Geográfica: reflexão e prática. – Injuí: Ed. Unijuí, 2014.

CALLAI, Helena Copetti. A formação do profissional de geografia: o professor. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação Geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

CAVALCANTI, Lana de Souza. O Ensino de Geografia na Escola. Papirus. Campinas, SP: 2012.

DCN. Diretrizes Curriculares nacionais Gerais da Educação Básica / ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICE, 2013.

GOMEZ, Angel Perez. O pensamento prático do professor. In: NÓVOA, Antonio (org.). Os professores e sua formação. Portugal: Publicações Dom Quixote, p 93 – 114, 1995.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Memorial de formação – Registro de um  
percurso. (s/d). Disponível em: < <https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais14.pdf>>. Acesso em 01 de ago. 2019.

LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

LE SANN, Janine G. METODOLOGIA PARA INTRODUZIR A GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). Cartografia escolar. – 2.ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVA, Jaime Tadeu. ENSINO DE GEOGRAFIA: UM RETRATO DESNECESSÁRIO. In: CARLOS, Ana Fani A (Org.). A geografia na sala de aula. – 9.ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

PASSINI, Elza Yasuko. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE GRÁFICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). Cartografia escolar. – 2.ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria do Socorro Lucena. Estágio e Docência. – 7ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. Para ensinar e aprender Geografia. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

SIMIELLI, Maria Elena. O MAPA COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO E A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). Cartografia escolar. – 2.ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

1. Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Email: jullyo373@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. O referido trabalho também é fruto da minha participação no projeto de extensão intitulado “Formação continuada para professores de Geografia do Piemonte Norte do Itapicuru (BA)”, que durou de 2017 a 2019. [↑](#footnote-ref-2)